
Resenha Bibliográfica. Obra: *Organizational Theory and Aesthetic Philosophies*. Antonio Strati. New York: Routledge, 2019. 182 p. ISBN: 978-1-315-10445 (e-book).

MARCOS ELÓI SÖLLINGER
PPGA - UFRGS

A administração muitas vezes é rotulada por ater-se ao estudo das organizações sob uma visão econômica, pela óptica do lucro, da estratégia e da performance. No mais recente livro lançado pelo pesquisador e sociólogo italiano Antonio Strati, encontramos uma perspectiva que foge ao mainstream, e que possibilita lançar olhares que pouco se preocupam com números e cifras, mas que exploram elementos como a imaginação e a criatividade.

Antonio Strati é professor de Sociologia da Inovação e das Organizações na Università degli Studi di Trento, pesquisador e membro fundador do Rucola (Research Unit on Communication, Organizational Learning and Aesthetics), além de artigos em importantes periódicos científicos, tem suas obras publicadas e traduzidas em diferentes idiomas. O livro “Organização e Estética” (FGV Editora: 2007, tradução de Pedro Maia Soares) insere para o contexto brasileiro uma perspectiva de pesquisa estética, que busca explorar nas organizações aspectos que nem sempre são considerados relevantes para a análise organizacional e do trabalho.

Ao completar duas décadas (original em inglês data de 1999) da publicação de “Organização e Estética”, Strati lança um olhar em retrospectiva, atento ao futuro, sinalizando novas possibilidades para pesquisadores e estudiosos da administração e das organizações. O livro “Organizational Theory and Aesthetic Philosophies” traz uma perspectiva de pesquisa e análise organizacional que cada vez menos se aproxima das teorias organizacionais tradicionais, buscando interseções com diferentes áreas das artes e da filosofia, não para estabelecer-se como nova teoria dominante das organizações, mas para instigar cada vez mais, que os cientistas sociais criem novas e diferentes perguntas nas suas trajetórias de pesquisa.

A perspectiva da estética organizacional (STRATI, 20007) inicia-se junto aos estudos organizacionais com a adaptação da noção filosófica de Beleza e de Belo para compreendermos processos, e atividades e ações das pessoas nas organizações (STRATI, 1992). Tal perspectiva, não é uma teoria filosófica da estética, mas uma construção teórica e metodológica que, influenciada por noções filosóficas, se estabelece como possibilidade de pesquisa e análise. Assim como ocorre em outras correntes teóricas e de pensamento na culturalist turn (RECKWITZ, 2002), a estética organizacional questiona teorias e metodologias que arraigam do movimento positivista sua forma de fazer Ciência. Ao mesmo tempo, questiona-se o pesquisar que focaliza apenas o manager, buscando compreender as diferentes realidades organizacionais a partir das pessoas e arranjos materiais das quais são compostas.

Ao tratar do início da estética organizacional como campo de pesquisa, Strati (2019) destaca as características de polissemia, mistério e intensidade que chamam atenção na análise do fenômeno organizacional. Segundo o autor, a polissemia refere-se à como diferentes elementos das organizações fazem evidenciar uma estética que é coletiva e socialmente negociada, o mistério da estética não relaciona-se à entidades ou misticismos, mas às características da estética de determinado contexto que nem sempre são evidentes ou explicativas em si, assim como, são percebidas as diferentes intensidades que a estética organizacional assume em função das variadas formas de organização que existem.

O autor reflete sobre a relação entre a estética filosófica e a sociologia das organizações, e vê como frutífera a reflexão sobre experiência e conhecimento organizacional que pode surgir no diálogo entre os pensamentos de diferentes disciplinas das Ciências Sociais. Fica clara a demarcação de “nascimento” da estética organizacional dentro da Sociologia, campo de estudos ao qual sempre esteve vinculado, mas percebe-se uma constante permeabilidade de pensamentos, mesmo até nas referências às quais são citadas e compõem o texto.

Aliás, do início ao fim, o livro mais assemelha-se a uma conversa, como se pudéssemos sentir a presença do autor muito próxima, ao discutir processos de criação e de criatividade e de

produção do conhecimento. Também são brevemente exploradas questões relacionadas ao conhecimento tácito, às categorias de Belo e Sublime, e interseções com as teorias das artes e teoria social.

Há uma discussão que se estende por boa parte do livro, em que são relacionados os processos de fotografar com a criação de fotopoemas, o que sinaliza, de forma geral, uma latente necessidade em explorar nas pesquisas diferentes recursos visuais. Ao debater vários aspectos em torno do que a fotografia pode representar na realidade social, Strati (2019) evidencia uma textura de diferentes corpos, materialidades e tecnologias que se misturam. O encontro de diferentes estéticas mostra-se como evidente necessidade de atenção ao cientista social, e embora o autor não avance para questões como ética ou política, revela-se grande potencial de desenvolvimento do campo de pesquisa nessas temáticas.

O que talvez mais chame à atenção durante a leitura, principalmente àqueles que já tenham tido algum contato anterior com tal literatura, é que pouco se renova nesta nova publicação. Questões metodológicas estabelecidas anteriormente são retomadas, porém, concedendo poucos avanços do ponto de vista analítico. Ao reforçar uma ideia de pesquisa estética, o autor acaba transitando pouco com a literatura da pesquisa qualitativa em geral, o que pode gerar incertezas e incompletudes durante e após o processo de pesquisar àqueles que assim se dispuserem.

Chama bastante atenção o destaque que Stati (2019) faz para um movimento que tem emergido em diferentes instâncias sob o rótulo de “Estética do Cotidiano”. Mesmo que não se inclua explicitamente em tal, através do relato do autor o que se percebe é que essa atenção ao dia-a-dia, que enxerga e valoriza pequenos detalhes que às vezes passam despercebidos, ganham um grande destaque na obra e se fazem cada vez mais presentes e necessários à performance e atualidade de cientistas sociais. Nos faz refletir a respeito de como noções de Belo e de Beleza são resultados de negociações sociais, e que ao termos consciência da existência de tais “ante-processos”, passamos a questionar, inclusive, o que entendemos por Arte, por Organização, dentre outros.

O que o autor chama de “filosofias estéticas” na verdade não se põe a discutir a estética no plano filosófico, mas a mostrar,

do ponto de vista sociológico, quais “fragmentos” são trazidos e adaptados para que possamos analisar os fenômenos organizativos. Se por um lado esses “fragmentos”, como o autor coloca, nos possibilitam o diálogo e o constante questionamento dos processos de pesquisar e de compreender as organizações e o trabalho, por outro lado, do ponto de vista analítico, são fornecidos subsídios teóricos que podem se mostrar, à primeira vista, limitados.

Aos que ainda não tiveram contato com a literatura da estética organizacional, é importante que se coloque que tal perspectiva teórica e metodológica integra-se aos Estudos Baseados em Prática (EBP). Os EBP exploram a ideia de conhecimento organizacional (GHERARDI, 2006), textura do organizing (GHERARDI, STRATI, 1990), e a noção de prática (SCHATZKI, 2012). A estética organizacional é uma das perspectivas que integram os EBP, e a menção a esse corpo teórico ocorre de forma explícita apenas ao final do livro. Tal aspecto é crucial para todos que adotarem a perspectiva da estética para pesquisas, dado o existente volume de publicações já existente na literatura internacional.

É igualmente importante salientar que há um direcionamento, que pode não estar explícito, a respeito da relação com as obras de Luigi Pareyson, que é citado por diversas vezes ao longo do livro. Esse interesse nas obras do filósofo também italiano, começou a ser explorado em publicações mais recentes, como em “To start practice theorizing anew: The contribution of the concepts of agencement and formativeness” (SAGE: Organization, 2015), artigo escrito por Silvia Gherardi. Há uma preocupação com um avanço substantivo que se faz necessário diante da popularização da noção de prática e da disseminação dos EBP por diferentes áreas das Ciências Sociais.

O que talvez apareça de mais interessante na publicação de Strati (2019, tradução nossa) seja a seguinte colocação: “Com modéstia, a ‘abordagem estética’ procura uma compreensão da vida organizacional e uma teorização acerca do discurso sobre a organização caracterizados por uma consciência pós-humanista e fenomenológica, baseada nas seguintes três dimensões: sensorial knowing, aesthetic judging, poetic performing”. Se pensarmos a obra e a proposta do autor, mesmo que não tenha sido sua intenção, com as três citadas dimensões estamos nos referindo a uma forma de conhecimento

(conhecimento sensível, a partir das faculdades humanas sensoriais), a uma forma de participação em práticas (juízo estético, expressão que exige o saber participar de uma prática), e formas de agir (performatividade do ator social e do cientista social). Decorre que a partir de tais dimensões poderiam ser discutidas questões mais aprofundadas, como a performatividade da teoria e da metodologia, das constantes reformulações necessárias ao processo de pesquisar, das negociações estéticas que envolvem-se ou encobrem em questões de cunho moral, ético e político, dentre diversas outras.

Para finalizar, há uma preocupação do autor em mostrar conexões possíveis ao leitor, trazendo uma série de autores os quais tratam de algum aspecto relacionado à estética (de questões gerais às mais específicas). Ao retomar a leitura, são identificadas diversas possibilidades, o que faz inferir que diante de tantas teorias da estética, tanto na Filosofia quanto na Sociologia, o desafio está exatamente em conhecer a literatura que possa se mostrar mais adequada para o fenômeno a ser pesquisado. Nesse sentido, o que Strati (2019) faz, de forma sutil, é mostrar quais autores, na vasta literatura, poderão ter maior afinidade com determinada temática.

O que se pode dizer é que a perspectiva da estética organizacional tem uma literatura internacional consolidada, mas que no Brasil ainda se apresenta pouco explorada. Trabalhos recentes (AZAMBUJA, ANTONELLO, 2014; BASSO, PAULI, BRESSAN, 2014; BROCK, 2014; SOARES, BISPO, 2014; SOARES, 2015; WILLERDING, 2015; WILLERDING, KRAUSE, LAPOLLI, 2016; LOPES, IPIRANGA, JÚNIOR, 2017; SOARES, BISPO, 2017; SÖLLINGER, 2019) tem mostrado interesse, mas constituindo um corpo teórico ainda diminuto. Com esta resenha, busca-se disseminar uma forma de fazer Ciência que possibilita outros encontros com o cotidiano, mais poéticos, multicoloridos, permitindo um pesquisar atento aos detalhes, que olhe para as pessoas que pesquisam e que são pesquisadas dotadas de sua corporeidade, de emoções, de sentimentos, contribuindo para uma visão de administrar que seja menos pautada pelo lado financeiro, e que possa englobar questões artísticas, éticas, políticas e sustentáveis.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ANTONELLO, C. S.; AZEVEDO, D. Aprendizagem organizacional: explorando o terreno das teorias culturais e das teorias baseadas em práticas. In: ANTONELLO, C. S.; GODOY, A.S. **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Bookman, 2011. pp. 87-111

GHERARDI, S. **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

STRATI, A. **Organização e estética**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, S. R. S.; ANTONELLO, C. S. As práticas de trabalho e o processo de aprendizagem de trabalhadores da construção civil à luz da estética organizacional. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v.2, n.1, set/dez, 2014.

BASSO, K.; PAULI, J.; BRESSAN, V. P. Relações de gênero e estética organizacional: sugestões para estudos sobre relações, cultura e desempenho. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n. 3, p. 688-688, 2014.

BROCK, H. **A Aprendizagem nas Práticas dos Técnicos de Enfermagem de um Centro de Material e Esterilização à Luz da Estética Organizacional**. Dissertação (Mestrado em Administração), Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

_____; STRATI, A. The “texture” of organizing in an Italian university department. **Journal of Management Studies**, v.27, n.6, 1990. pp. 605– 618.

LOPES, L. L. S.; IPIRANGA, A. S. R.; JÚNIOR, J. J. S. Compreensão empática e as possíveis contribuições para a pesquisa nos estudos organizacionais: reflexões a partir da experiência do lado estético das organizações. **Cadernos Ebape.Br**, v.15, n.4, artigo 5, out/dez, 2017.

RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. **European Journal of Social Theory**, v.5, n.2, 2002. pp.243-263.

SCHATZKI, T. A primer on practices: theory and research. IN: HIGGS, J.;BARNETT, R.; BILLET, S.; HUTCHINGS, M.; TREDE, F. (Org), **Practice-based education: Perspectives and strategies** (pp. 13–26). **Rotterdam:Sense**, 2012. pp.13-26.

SOARES, L. C.; BISPO, M. S. Contribuições da Estética Organizacional para a Pesquisa em Organizações Gastronômicas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v.8, n.3, set/dez, 2014. pp.476-493.

_____. **O Processo de Aprendizagem do Cozinhar em João Pessoa/PB à Luz das Práticas Sociais e da Estética Organizacional**. Dissertação (Mestrado em Administração), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

_____; BISPO, M. S. A Aprendizagem do Cozinhar à Luz das Práticas Sociais e da Estética Organizacional. **BBR-Brazilian Business Review**, v.14, n.2, art.6, 2017. pp.247-271.

SÖLLINGER, M. E. **Processos de aprendizagem da docência no PPGA-UFRGS sob olhares estéticos**. Dissertação (Mestrado em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. 142p.

STRATI, A. A esthetics Understandig of Organizational Life. **Academy of Management review**,v.17, n.3, 1992.

_____. **Organização e estética**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **Organizational Theory and Aesthetics Philosophies**. New York: Routledge, 2019.

WILLERDING, I. A. V. **Arquétipo para o compartilhamento do conhecimento à luz da estética organizacional e da gestão empreendedora**. Tese (Doutorado em Administração), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____; KRAUSE, M. G.; LAPOLLI, E. M. Gestão de pessoas e gestão do conhecimento à luz da estética organiacional em uma organização de base tecnológica. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**,v.6, n.1, jan/jun, 2016.